

## CAPÍTULO I

A sra. Ariadne Oliver saíra com a amiga Judith Butler, na casa de quem estava hospedada, para ajudar nos preparativos de uma festa de crianças que aconteceria naquela mesma noite.

No momento, a cena era de uma agitação caótica. Mulheres cheias de energia entravam e saíam arrastando cadeiras, mesinhas, trazendo vasos de flores e carregando grandes quantidades de abóboras amarelas, que eram arrumadas estrategicamente em lugares específicos.

Era a tradicional festa de Halloween para convidados na faixa etária dos dez aos dezessete anos.

A sra. Oliver, afastando-se do grupo principal, encostou-se em uma parede e levantou uma grande abóbora amarela, olhando-a de maneira crítica.

– A última vez que vi uma abóbora dessas – disse, tirando o cabelo grisalho da testa proeminente – foi no ano passado, nos Estados Unidos. Centenas de abóboras, espalhadas pela casa. Nunca vi tantas. Na verdade – acrescentou, pensativa –, eu nunca soube a diferença entre abóbora e abobrinha. Esta aqui é o quê?

– Desculpe, querida – disse a sra. Butler, ao pisar nos pés da amiga.

A sra. Oliver comprimiu-se mais ainda contra a parede.

– A culpa foi minha – disse. – Estou no meio do caminho. Mas fiquei impressionada de ver tantas abóboras, ou abobrinhas, sei lá. Elas estavam em toda parte, nas lojas, nas casas das pessoas, com velas ou lâmpadas dentro delas ou enfiadas na polpa. Muito interessante mesmo. Mas não era para o Halloween. Era para o dia de Ação de Graças. Sempre associei abóboras com Halloween,

que cai no final de outubro. O dia de Ação de Graças é bem depois, não? Não é em novembro, lá pela terceira semana do mês? De qualquer maneira, o Halloween aqui é no dia 31 de outubro, não? Primeiro Halloween, e depois vem o quê? Dia de finados? Em Paris, nesse dia, todo mundo vai ao cemitério colocar flores nos túmulos. Não é um feriado triste. As crianças também vão, e se divertem. Primeiro passamos no mercado de flores e compramos um monte de flores, uma mais bonita do que a outra. Não existem flores mais lindas do que as do mercado de Paris.

As mulheres atarefadas esbarravam de vez em quando na sra. Oliver, mas não lhe davam atenção, envolvidas demais no que estavam fazendo.

A maioria era composta por mães de família, e uma ou duas solteironas; havia adolescentes prestativos, rapazes de dezesseis e dezessete anos subindo em escadas ou cadeiras, para ajeitar a decoração, colocar abóboras ou abobrinhas e bolas de vidro colorido numa altura adequada; meninas de onze a quinze anos reuniam-se em grupos e ficavam dando risadinhas.

– E depois do dia de finados – continuou a sra. Oliver, deixando seu corpo cair sobre o braço de um sofá – vem o dia de Todos os Santos. É isso?

Ninguém respondeu à pergunta. A sra. Drake, uma senhora de meia-idade elegante que seria a anfitriã da festa, tomou a palavra.

– Não estou chamando esta festa de Halloween, embora seja Halloween, na verdade. Estou chamando de “festa dos mais de onze”. A maioria está nessa faixa etária. A garotada que está saindo do primário no The Elms e indo para outras escolas.

– Mas esse nome não é muito preciso, não acha, Rowena? – comentou a srta. Whittaker, em tom de reprovação, acomodando o *pincenê* no nariz.

A srta. Whittaker, como professora local, era sempre exigente em termos de precisão.

– É porque abolimos há algum tempo o exame de admissão feito no final do primário.

A sra. Oliver levantou-se do sofá, pedindo desculpas.

– Não estou ajudando em nada. Fiquei aqui sentada, falando bobagens sobre abóboras e abobrinhas.

“E descansando os pés”, pensou ela, com certo peso na consciência, mas sem suficiente sentimento de culpa para dizê-lo em voz alta.

– Agora, o que eu posso fazer? – perguntou e acrescentou: – Que maçãs lindas!

Alguém acabara de entrar com um enorme cesto de maçãs. A sra. Oliver adorava maçã.

– Tão vermelhas! – exclamou.

– Na verdade, não estão muito boas – disse Rowena Drake. – Mas servem para a festa. É para a brincadeira de pesca das maçãs. Como as maçãs estão meio moles, fica mais fácil pegá-las com os dentes. Pode levá-las para a biblioteca, Beatrice? Essa brincadeira de pesca das maçãs é sempre uma bagunça. Derrama água por todo lado. Mas o tapete da biblioteca está tão velho que não tem problema. Ah, obrigada, Joyce.

Joyce, uma menina robusta de treze anos, pegou o cesto, deixando cair duas maçãs, que rolaram e foram parar aos pés da sra. Oliver, como que refreadas pela mão de uma feiticeira.

– A senhora gosta de maçãs, não gosta? – perguntou Joyce. – Li que a senhora gosta, ou talvez tenha ouvido na televisão. A senhora escreve contos policiais, não escreve?

– Escrevo – respondeu a sra. Oliver.

– Deveríamos ter pedido para a senhora preparar alguma coisa relacionada a assassinatos. Ter um assassinato na festa hoje à noite e pedir para as pessoas desvendarem o caso.

– Não, obrigada – disse a sra. Oliver. – Nunca mais.

– Como assim, nunca mais?

– Fiz isso uma vez, e não deu muito certo – respondeu a sra. Oliver.

– Mas a senhora escreveu muitos livros – insistiu Joyce. – Deve ter ganho muito dinheiro com eles, não?

– De certa forma – respondeu a sra. Oliver, com o pensamento no imposto de renda.

– E a senhora criou um detetive finlandês.

A sra. Oliver admitiu o fato.

Um garotinho impassível, que ainda não devia ter chegado à idade de fazer o exame de admissão, concluiu a sra. Oliver, indagou friamente:

– Por que finlandês?

– Muitas vezes me fiz a mesma pergunta – confessou a sra. Oliver.

A sra. Hargreaves, a esposa do organista, entrou na sala com a respiração ofegante, carregando uma grande bacia verde de plástico.

– Que tal isto para a pesca das maçãs? – perguntou. – Achei alegre.

– Melhor uma bacia galvanizada – opinou a srta. Lee, a assistente do médico. – Não entorna tão fácil. Onde vai colocá-la, sra. Drake?

– Acho que o melhor lugar é a biblioteca. O tapete de lá é velho, e sempre derrama água.

– Está bem. Levaremos tudo para lá. Rowena, eis aqui outra cesta de maçãs.

– Deixe-me ajudar – disse a sra. Oliver.

Apanhou as duas maçãs que haviam caído no chão e, quase sem perceber o que estava fazendo, enfiou os dentes numa delas, mastigando ruidosamente. A sra. Drake, num gesto firme, arrancou a segunda maçã de sua mão e a devolveu ao cesto. Ouviu-se um burburinho de pessoas conversando.

– Sim, mas onde vamos colocar a tigela do *snapdragon*\*?

---

\* Brincadeira do período vitoriano que consistia em pegar passas numa tigela em chamas e jogá-las, ainda ardendo, na boca. (N.T.)

– Melhor colocá-la na biblioteca, que é o cômodo mais escuro.

– Não, vamos colocá-la na sala de jantar.

– Primeiro temos que cobrir a mesa.

– Tem um pano verde felpudo. Depois cobrimos com a lona de borracha.

– E os espelhos? Será que realmente veremos nossos maridos neles?

Descalçando-se discretamente, a sra. Oliver voltou a sentar-se no sofá e, mastigando ainda sua maçã, observou a sala cheia de gente. “Se eu fosse escrever um livro sobre todas essas pessoas, como faria? Parecem ser pessoas legais, de um modo geral, mas como saber?”, pensou com sua mente de escritora.

De certo modo, pensava, era fascinante *não* saber nada sobre aquelas pessoas. Todas viviam em Woodleigh Common. Tinha uma vaga lembrança de algumas coisas que Judith lhe contara sobre elas. A srta. Johnson... alguma coisa relacionada com a igreja... não era a irmã do vigário... Sim, claro, era a irmã do organista! Rowena Drake, que parecia ser a manda-chuva de Woodleigh Common. A mulher esbaforida que trouxera aquela bacia de plástico horrível. É que a sra. Oliver nunca gostara de artigos de plástico. E havia também as crianças e os adolescentes.

Até o momento, eram somente nomes para a sra. Oliver. Havia uma Nan, uma Beatrice, uma Cathie, uma Diana e uma Joyce, prepotente e curiosa. Não gosto muito dessa Joyce, pensou a sra. Oliver. Uma moça chamada Ann, de aparência altiva. Havia dois rapazes que pareciam acostumados a tentar diferentes estilos de penteado, sempre com resultados infelizes.

Um garotinho bem pequenininho entrou na sala com certa timidez.

– A mamãe mandou estes espelhos para ver se servem – disse, com uma voz ligeiramente ofegante.

– Muito obrigada, Eddy – disse a sra. Drake, pegando os espelhos.

– São espelhos comuns, de mão – comentou a moça chamada Ann. – Será que realmente veremos o rosto de nossos futuros maridos neles?

– Algumas deverão ver, outras não – afirmou Judith Butler.

– A senhora já viu o rosto de seu marido numa festa? Digo, numa festa como esta.

– Claro que não – intrometeu-se Joyce.

– Ela poderia ter visto – insistiu Beatrice, com seu ar de superioridade. – Chamam isso de P.E.S.: percepção extrassensorial – acrescentou num tom de quem sente prazer em saber os termos da época.

– Li um de seus livros – disse Ann à sra. Oliver. – *O peixe-dourado à beira da morte*. Achei muito bom – comentou, com amabilidade.

– Não gostei desse – declarou Joyce. – Tinha pouco sangue. Gosto de assassinatos com muito sangue.

– Um pouco repugnante, não acha? – disse a sra. Oliver.

– Mas emocionante – disse Joyce.

– Não necessariamente – retorquiu a sra. Oliver.

– Eu já *vi* um assassinato – disse Joyce.

– Não diga besteira, Joyce – repreendeu-a a srta. Whittaker, a professora.

– Mas eu vi.

– Viu? – perguntou Cathie, olhando para Joyce com os olhos arregalados. – Você viu um assassinato de verdade?

– É claro que ela não viu – disse a sra. Drake. – Pare de falar bobagens, Joyce.

– Eu vi um assassinato, sim – continuou Joyce. – Eu vi. Eu vi. Eu vi.

Um rapaz de dezessete anos, trepado numa escada, olhou para baixo, com interesse.

– Que tipo de assassinato? – quis saber ele.

– Não acredito nisso – falou Beatrice.

– E não é para acreditar mesmo – disse a mãe de Cathie.

– Ela está inventando.

– Não estou, não. Eu *vi*.

– Por que você não foi à polícia? – perguntou Cathie.

– Porque eu não sabia que *era* um assassinato quando vi. Não era, até muito tempo depois... quer dizer, só depois é que comecei a perceber que era um assassinato. Alguma coisa que alguém disse um ou dois meses atrás de repente me fez pensar: é claro, aquilo que eu vi foi um *assassinato*.

– Viram? Ela está inventando tudo. Essa história não faz sentido – disse Ann.

– Quando foi que isso aconteceu? – perguntou Beatrice.

– Há anos – respondeu Joyce. – Eu era bem pequena na época.

– Quem matou quem? – Beatrice continuou o inquérito.

– Não vou dizer para ninguém. Vocês estão muito horrorizadas.

A srta. Lee entrou com outro tipo de bacia. O assunto da conversa mudou, dando lugar a um debate sobre que tipo de bacia de plástico era o mais adequado para a brincadeira de pesca das maçãs. A maioria dos ajudantes dirigiu-se à biblioteca para avaliar o local. Alguns mais jovens estavam ansiosos para fazer uma demonstração, simulando as dificuldades e exibindo suas habilidades esportivas. Resultado? Cabelos molhados, água derramada, precisaram trazer toalhas para secar tudo. No final, ficou decidido que uma bacia galvanizada seria preferível aos encantos sedutores de uma bacia de plástico, que entornava com mais facilidade.

A sra. Oliver, trazendo outro cesto de maçãs para completar o estoque necessário para o dia seguinte, mais uma vez se serviu de uma.

– Li no jornal que a senhora adora maçãs – ouviu a voz acusadora de Ann ou Susan, não sabia direito de quem.

– É a minha tentação – disse a sra. Oliver.

– Seria mais engraçado se fosse melão – comentou um dos meninos. – Eles têm mais água. Imaginem a bagunça que seria – disse, observando o tapete com prelibação.

A sra. Oliver, sentindo-se um pouco culpada pela acusação pública de gulodice, saiu da sala em busca de um aposento específico, cuja geografia, em geral, é facilmente identificável. Subiu as escadas e, virando-se no patamar, deparou-se com um casal de namorados abraçados bem em frente à porta que deveria ser a do cômodo em que desejava tanto entrar. Os dois não deram a mínima atenção para ela. Suspiravam e se agarravam. Que idade teriam?, perguntava-se a sra. Oliver. O rapaz devia ter uns quinze, a menina, mais de doze, embora o desenvolvimento de seus seios a fizesse parecer mais madura.

A casa tinha um tamanho considerável, com cantos e recantos bastante agradáveis. Como as pessoas são egoístas, pensava a sra. Oliver. Não têm consideração pelos outros. Aquela antiga frase do passado lhe veio à cabeça, dita sucessivamente por uma babá, uma criada, uma governanta, sua avó, duas tias-avós e algumas outras pessoas.

– Com licença – falou a sra. Oliver de maneira firme.

O rapaz e a menina estavam enroscados, comprimindo os lábios um contra o outro.

– Com licença – repetiu a sra. Oliver –, poderiam me deixar passar? Preciso abrir esta porta.

O casal desgrudou-se a contragosto, olhando para ela com certa hostilidade.

A sra. Oliver entrou, bateu a porta e passou o trinco.

A porta era daquelas que não fecham direito. Um som fraco de palavras lhe chegou de fora.

– Será que as pessoas não percebem que não queremos ser incomodados? – disse uma voz irregular de tenor.

– As pessoas são muito egoístas – disse uma voz aguda de menina. – Só pensam em si mesmas.

– Não têm consideração pelos outros – disse a voz do rapaz.